

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 3 Setembro - Dezembro 2024

ARTIGO

O SÍTIO RIO PLATÊ I: ANÁLISE TECNOLÓGICA DE UMA COLEÇÃO CERÂMICA JÊ MERIDIONAL DO ALTO VALE DO ITAJAÍ (SANTA CATARINA)

Francisco Abrahão Gonzaga*

RESUMO

Este texto apresenta os resultados da análise da coleção cerâmica do Sítio Rio Platê I, situado na Terra Indígena Laklãnô Ibirama, no Alto Vale do Itajaí (SC). O material foi analisado a partir de uma abordagem tecnológica, voltada para o mapeamento de escolhas culturais ao longo de sua cadeia operatória de produção e uso. Os resultados obtidos permitiram delinear conjuntos associados a atributos, morfologias e usos associados ao repertório Jê Meridional, estabelecendo comparações junto a outras coleções, sobretudo do planalto catarinense e gaúcho. Por fim, possibilitaram também o diálogo com o registro etnográfico e etno-histórico associado aos povos Kaingang e Laklãnô no sul do Brasil.

Palavras-chave: análise cerâmica; Jê Meridional; Alto Vale do Itajaí.

* Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: francisco_a.g@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5280-0542>

THE RIO PLATÊ I SITE: TECHNOLOGICAL ANALYSIS OF A SOUTHERN JÊ POTTERY COLLECTION FROM ALTO VALE DO ITAJAÍ (SANTA CATARINA)

ABSTRACT

This text presents analysis results of the ceramic collection from Rio Platê I Site, located in the Laklãnõ Ibirama Indigenous Land, in Alto Vale do Itajaí (SC). Material analysis used a technological approach to map cultural choices throughout its operational chain of production and use. Results show sets associated with attributes, morphologies and uses dear to the Southern Jê repertoire, establishing comparisons with other collections, especially from the Santa Catarina and gaúcho plateau. Finally, the results dialogue with the ethnographic and ethnohistoric record associated with the Kaingang and Laklãnõ peoples in southern Brazil.

Keywords: pottery analysis; Southern Jê; Alto Vale do Itajaí.

EL SITIO RIO PLATÊ I: ANÁLISIS TECNOLÓGICO DE UNA COLECCIÓN CERÁMICA JÊ MERIDIONAL DEL ALTO VALE DO ITAJAÍ (SANTA CATARINA)

RESUMEN

Este texto presenta los resultados del análisis de la colección de cerámica del sitio Rio Platê I, ubicado en la tierra indígena Laklãnõ Ibirama, en el Alto Vale del Itajaí (Santa Catarina, Brasil). Para el análisis del material se utilizó un enfoque tecnológico, que mapeó las opciones culturales a lo largo de su cadena operativa de producción y uso. Los resultados obtenidos permitieron perfilar conjuntos asociados a atributos, morfologías y usos propios del repertorio Jê Meridional, estableciendo comparaciones con otras colecciones, especialmente de la meseta catarinense y gaúcha. Finalmente, los resultados también permitieron dialogar con el registro etnográfico y etnohistórico asociado a los pueblos Kaingang y Laklãnõ en el sur de Brasil.

Palabras clave: análisis cerámico; Jê Meridional; Alto Vale de Itajaí.

OS JÊ MERIDIONAIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO ETNO-HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA

A categoria Jê Meridional se refere aos povos indígenas de língua Jê¹ no sul do Brasil, sendo elas as etnias Kaingang e Laklãnô (Xokleng). Ainda que esses dois grupos sejam os únicos representantes Jê do Sul na atualidade, é possível que no passado tenha havido outras ramificações, a exemplo dos povos outrora referidos no registro etno-histórico como Ingain, Kimdá e Pinaré (Jolkesky, 2010; Corteletti, 2012; Noelli, Souza, 2017; Perin *et al.*, 2019).

À época dos contatos coloniais, os Jê Meridionais ocupavam amplos territórios ao longo dos vales, dos campos e das matas do planalto meridional. Como lembra Sílvia Coelho dos Santos (1973), os Kaingang se espalhavam desde o norte do Rio Grande do Sul, passando pelos campos de Palmas (PR), sertões do Tibagi (PR) e Ivaí (PR), até penetrar no sudoeste paulista. Já os Laklãnô se estendiam desde as proximidades de Porto Alegre (RS) até os campos de Curitiba e Guarapuava (PR), passando pelo Vale do Itajaí (SC).

Por resistirem ao processo colonizador, os Kaingang e Laklãnô foram historicamente estigmatizados como tapuias e bugres, conotações pejorativas que encerram as noções de selvagem e inimigo (Santos, 1973). Também identificados pelas alcunhas de coroados e botocudos, esses grupos se mantiveram relativamente apartados do domínio de expansão econômica colonial até meados do século XIX, quando se intensifica a pressão territorial sobre eles a partir do incentivo governamental à colonização europeia devido os ditos vazios demográficos (Ribeiro, 2017).

Contudo, os Jê Meridionais têm uma história muito mais profunda no sul do Brasil, que remonta a pelo menos 3.000 anos AP e está manifesta numa ampla variedade de evidências arqueológicas, incluindo desde sítios litocerâmicos a céu aberto, montículos funerários e aterros, até abrigos sob rocha, estruturas subterrâneas, matas de araucária, inscrições rupestres e camadas superiores de sambaquis (Schmitz, 1988; Noelli, 1999; Beber, 2005; Souza, 2011; Corteletti, 2012; Reis, 2014). Para Noelli (1999), as evidências disponíveis reforçam a hipótese linguística segundo a qual os Jê Meridionais se originam a partir da família Jê no Brasil Central, em algum lugar entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia. Segundo as estimativas de Urban (1992), teriam iniciado sua migração em direção ao sul do Brasil por volta de 3.000 anos AP.

Os vestígios arqueológicos dos Jê Meridionais indicam que eles colonizaram sistematicamente um extenso território que vai da costa atlântica até o rio Paraná, passando pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Misiones, na Argentina (Silva; Noelli, 2016). Ao longo desse percurso, não apenas se adaptaram a uma paisagem fixa e preexistente, mas a habitaram (Ingold, 2000), participando ativamente de seu processo de formação. Significativo disso é a percepção de uma associação direta entre a dispersão das espécies que compõem a Floresta Ombrófila Mista e as práticas de manejo ambiental dos povos Jê Meridionais (Iriarte; Behling, 2007; Corteletti, 2012; Cruz *et al.*, 2020).

A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA JÊ MERIDIONAL

Um vestígio arqueológico fundamental que permite associação direta com os povos Jê Meridionais é a cerâmica. A cerâmica Jê Meridional equivale ao que se convencionou denominar na literatura arqueológica de Tradições Taquara (RS e SC), Itararé (SC e PR) e

¹ Conforme Aryon Rodrigues (1999), os Jê Meridionais podem ser entendidos como um subgrupo da família Jê, assim como os Jê Setentrionais, Centrais e Nordestinos que, juntamente com outras famílias linguísticas, compõem o tronco linguístico Macro-Jê.

Casa de Pedra (PR). Forjadas no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), essas tipologias foram criadas para designar tipos de cerâmica pré-coloniais supostamente distintas.

Atualmente, porém, é ponto pacífico entre os estudiosos do tema que há muito mais semelhanças do que diferenças tecnológicas entre elas (Miller Jr., 1978; Schmitz, 1988; Noelli, 1999; Silva, 2001; Beber, 2004; Araújo, 2007; Souza, 2009), mas não é consensual como se deve denominar tal unidade. Alguns a definem a partir da junção das Tradições Taquara-Itararé (Prous, 1992; Araújo, 2007; Parellada, 2008; Souza, 2009; Corteletti, 2012); já outros preferem designá-la cerâmica Jê Meridional (Noelli, 1999) ou mesmo Proto-Jê (Silva, 2001; Corteletti, 2012), reforçando a associação que se estabeleceu entre esse tipo de cerâmica e as populações Kaingang e Laklãnõ (Xokleng).

Entre os principais trabalhos que permitiram essa analogia, estão os de Miller Jr. (1978) e Silva (1999). Tais estudos sugerem que, por mais que haja diferenças culturais explícitas entre as etnias – seja na língua, nos costumes funerários ou na organização social –, ainda não é possível distingui-las claramente apenas com base no registro arqueológico. Em virtude disso, faz-se necessário tratar suas histórias ora comparativamente ora isoladamente, sob o rótulo genérico Jê Meridional (Noelli, 1999).

Apesar de diversos pesquisadores enfatizarem essa continuidade, deve-se ter em mente que poucas análises comparativas minuciosas foram de fato realizadas em coleções arqueológicas Jê Meridionais. Nesse sentido, não se pode descartar a possibilidade de que pesquisas futuras – como já sugeriu Souza (2011) – percebam variações estilísticas relevantes em determinadas áreas do amplo território desse grupo.

Em geral, as discussões envolvendo a cerâmica Jê Meridional estiveram por mais tempo voltadas a uma preocupação classificatória do que a uma propriamente tecnológica, resultando em uma falta de entendimento e precisão analítica sobre diversos componentes de sua cadeia operatória. Por outro lado, isso também se explica pelo fato de a cerâmica Jê Meridional ter sido encarada sob o viés de uma suposta “simplicidade”. Inicialmente definida como “não-Tupiguarani”, ela aparece, reduzida a vasilhames de pequeno porte, com pouquíssimos ou mesmo nenhum elemento decorativo; portanto, simplória, o que justificaria a pouca atenção dada à sua complexidade tecnológica própria.

Contudo, pesquisas recentes vêm apontando caminhos mais frutíferos para o tratamento e interpretação desses vestígios (Silva, 1999; Saldanha, 2005; Corteletti, 2012; Souza, 2011, 2017). O que podemos observar como um ponto comum a tais estudos é a tentativa de compreender a tecnologia da cerâmica Jê Meridional de forma mais abrangente, evitando o isolamento entre o registro arqueológico e os dados etnográficos e etno-históricos.

O SÍTIO RIO PLATÊ I (SC-VI-19): UM SÍTIO CERÂMICO NA TI LAKLÃNÕ IBIRAMA

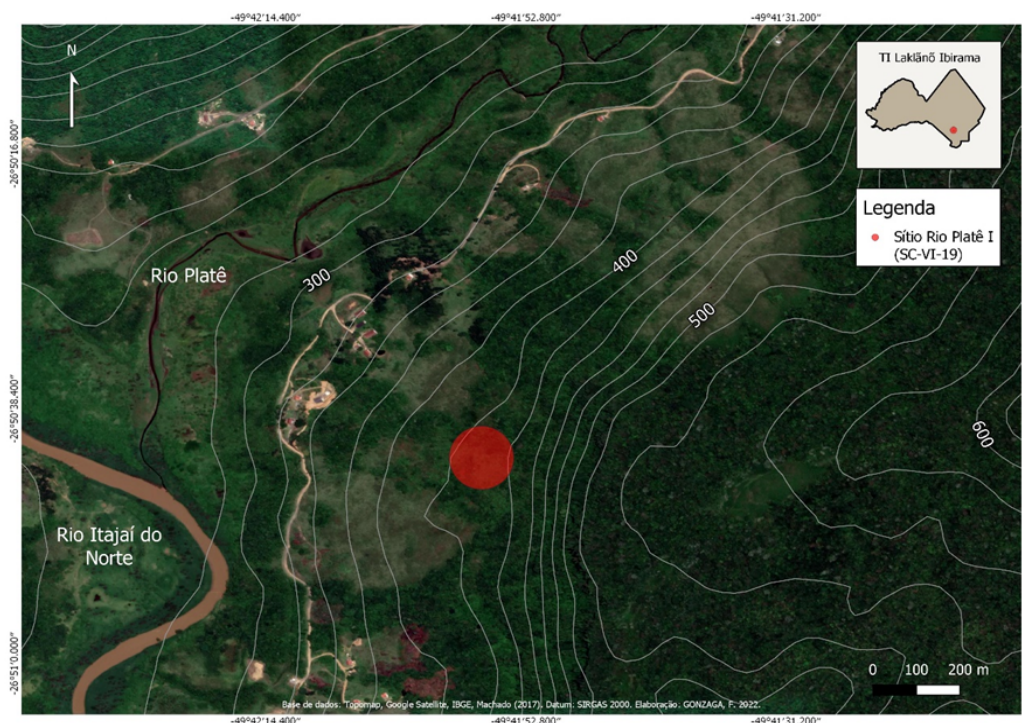
Visando contornar algumas das lacunas envolvendo a compreensão da cerâmica Jê Meridional, foi proposta uma análise tecnológica para a coleção do Sítio Rio Platê I (SC-VI-19) em minha pesquisa de mestrado (Gonzaga, 2022). O Sítio Rio Platê I (SC-VI-19) se situa na Aldeia Sede, no interior da Terra Indígena (TI) Laklãnõ Ibirama, no Alto Vale do Itajaí (SC), implantado em uma área de meia encosta na confluência entre os rios Platê e Itajaí do Norte (Figura 1). O sítio foi identificado e escavado em 1968 por Walter Piazza e Alroino Eble no âmbito do PRONAPA, e foram coletados 215 fragmentos cerâmicos atribuídos à etnia Laklãnõ. Atualmente, o material está sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE/UFSC).

Sobre a escavação do Sítio Rio Platê I, as informações conhecidas são aquelas de um artigo publicado por Piazza e Eble (1968), além de relatórios preliminares (Piazza, 1966) e

diários de campo. Entretanto, em virtude dos métodos ora empregados, tais documentos fornecem dados um tanto quanto imprecisos sobre a escavação e proveniência do material. Também não temos informações sobre como se deram exatamente os contatos dos pesquisadores com a comunidade indígena.

No que tange aos procedimentos de escavação, pouco se pode depreender além do fato de ter sido feita uma intervenção de 1x1 m, com 80 cm de profundidade (Piazza, 1966). Não há informações contextuais sobre a proveniência dos 215 fragmentos coletados. Ainda assim, Piazza e Eble (1968) publicaram um artigo em que consta uma análise preliminar do material. Porém, de acordo com a abordagem adotada os autores restringiram a análise à classificação da cerâmica como “do tipo simples ou lisa, não polida, sem qualquer outro elemento decorativo” (p. 7); e a partir disso, concluíram que os Laklãnõ (a quem atribuíram os fragmentos) eram “grupos indígenas da Floresta Tropical com cerâmica simples não decorada” (p. 13-14) e “grupos de nomadismo restrito” (p. 14).

Figura 1. Mapa de localização aproximada do Sítio Rio Platê I.



Fonte: Gonzaga (2022)

Como se sabe, a grande maioria dos registros disponíveis envolvendo os Laklãnõ entre os séculos XIX e XX aponta para um modo de vida de alta mobilidade, pautado sobretudo na caça e na coleta do pinhão (Paula, 1924; Henry, 1941; Santos, 1973; Lavina, 1994; Gakran, 2005). Contudo, não é incomum encontrar – muitas vezes nos mesmos observadores – indicações de que essa configuração teria sido assumida pouco antes do contato, em função de pressões territoriais.

Para Machado (2016), a leitura que se faz desses dados é, via de regra, excludente: ou estaríamos diante de um povo essencialmente caçador-coletor, nômade, com alta mobilidade; ou de um grupo propriamente sedentário, horticultor, que domina a olaria. Contudo, uma leitura mais atenta dessas informações, tal qual propõe a autora, pode indicar uma forma de territorialidade, pautada por ritmos próprios de mobilidade e permanência. No que tange à produção da cerâmica, embora a maioria dos relatos etno-

históricos disponíveis enfatize a decadência ou o abandono do ofício entre os Laklãnõ a partir do contato, eles também registram a permanência de elementos relevantes de sua cadeia operatória ao longo do tempo (Paula, 1924; Miller, 1967; Piazza; Eble, 1968; Santos, 1973; Silva, 1999; Fonseca, 2015).

O rio Platê é um lugar significativo para os Laklãnõ pois, além de ser a segunda maior drenagem da Terra Indígena, ele é reconhecido como um antigo local de acampamento (Priprá, 2021) e foi às suas margens que ocorreu o primeiro contato pacífico entre eles e o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1914. A partir de então, foi estabelecido o Posto Indígena Duque de Caxias, em torno do qual se iniciou sua redução num território reservado, após um genocídio institucionalizado contra a etnia ao longo do século XIX e início do XX. Há diversos pesquisadores indígenas que registram as suas próprias perspectivas sobre esses eventos, por muito tempo narrados exclusivamente sob a ótica colonialista da “pacificação” (Pate, 2020; Priprá, 2020a; Priprá, 2020b; Priprá, 2021).

A violência praticada contra os Laklãnõ permaneceu institucionalizada por meio das práticas do SPI, sendo que, nos primeiros anos de aldeamento, os indígenas passaram a trabalhar em plantações a mando dos agentes do órgão (Machado *et al.*, 2020). Registrada oficialmente em 1926, a TI Laklãnõ Ibirama não respeitou os limites inicialmente acordados em 1914, além de que boa parte do que restara seria revendida pelos servidores do SPI nos anos seguintes (Brighenti, 2012). Atualmente, a TI Laklãnõ Ibirama tem cerca de 2.000 habitantes segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), e 14.084 ha homologados, sendo que a comunidade pleiteia o retorno aos 37.108 ha originais por meio de um processo que está para julgamento no Supremo Tribunal Federal desde 2007.

Desde a última década, importantes iniciativas de projetos etnoarqueológicos colaborativos têm sido efetivadas na TI Laklãnõ, contribuindo para a geração de narrativas alternativas envolvendo a materialidade e o território indígena (Machado, 2013; Machado, 2015; Machado *et al.*, 2020). Deve-se destacar as produções de acadêmicos indígenas envolvendo materiais líticos (Tschucambang, 2015), cerâmicos (Fonseca, 2015) e lugares de acampamento Laklãnõ (Priprá, 2021). Durante a atual pesquisa, dada a pandemia de covid-19, não foram propostos novos trabalhos de campo na TI, com o enfoque recaindo sobre a análise da coleção arqueológica do Sítio Rio Platê I e suas interfaces junto aos dados arqueológicos, etno-históricos e etnográficos disponíveis.

UMA ABORDAGEM TECNOLÓGICA PARA O SÍTIO RIO PLATÊ I

A ideia de lançar um novo olhar sobre o material do Sítio Rio Platê I está ligada à sua relevância regional, uma vez que é a única coleção de cerâmica Jê Meridional com uma amostra significativa de fragmentos para todo o Alto Vale do Itajaí, região de transição entre as características geomorfológicas planálticas e litorâneas com mais de 330 sítios registrados. Ademais, o fato de ela ter sido resgatada no interior da TI Laklãnõ Ibirama, em baixa profundidade, confere a ela uma presumível associação a essa etnia.

Diante disso, foi realizada uma proposta de análise tecnológica. Esse tipo de abordagem se volta para o estudo das cadeias operatórias (Silva, 1999, 2000; Machado, 2006; 2007; Gaspar, 2015). A ideia de cadeia operatória, sugerida inicialmente por Leroi-Gourhan (1971), diz respeito à forma como, em dado contexto cultural e cronológico, as técnicas são mobilizadas em sequências mais ou menos coesas no processo de transformação da matéria prima em artefato.

A cadeia operatória de produção de um objeto é composta não apenas por ações, gestos e ferramentas, mas por um certo *know-how* que dispõe esses elementos em sequência e lhes dá coerência. É precisamente nas escolhas tecnológicas e na forma peculiar como tal sintaxe

é organizada que se revela a dimensão social das técnicas, isto é, a inseparabilidade entre essa e os demais âmbitos da vida social (Lemonnier, 1986, 1992; Dobres, 1999; Silva, 2000; Machado, 2007; Roux, 2016). As escolhas culturais também são inseparáveis das características de performance visadas, que dizem respeito às capacidades mínimas que um objeto precisa ter para desempenhar alguma atividade ao longo de sua história. Esses atributos desejáveis podem servir a funções utilitárias, mas não apenas (Skibo; Schiffer, 2008).

Em consonância com esse repertório teórico e seguindo a linha proposta por Machado (2005; 2006; 2007), a metodologia de análise tecnológica do material cerâmico do Sítio Rio Platê I envolveu dois momentos complementares: uma análise quantitativa e uma análise qualitativa.

Na análise quantitativa, mediante emprego de uma ficha de análise, buscamos identificar e documentar a presença ou ausência de atributos individuais em cada etapa da cadeia operatória, tais quais: a natureza dos fragmentos; a composição da pasta; as técnicas de manufatura; as características do contorno e da forma; os tratamentos de superfície; o ambiente de queima; as marcas de uso etc. O intuito dessa etapa foi observar a recorrência de características cuja combinação pode evidenciar escolhas tecnológicas priorizadas em cada etapa de produção dos artefatos.

A ficha de análise (Figura 2) foi adaptada a partir de outras utilizadas no Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para análise cerâmica em geral. Contudo, foram identificadas especificidades inerentes à cerâmica Jê Meridional no decorrer do processo de pesquisa, que demandaram certa maleabilidade na alteração da ficha visando dar conta do repertório técnico observado.

Figura 2. Ficha de análise de cerâmica

I) Sítio II) Número de proveniência III) Unidade de escavação IV) Nível V) Natureza do fragmento 1. Borda 2. Base 3. Parede 4. Inflexão 5. Alça 6. Cachimbo VI) Pasta 1. Branca 2. Laranja A (+alaranjado) 3. Laranja B (+avermelhado) 4. Laranja C (+amarronzado) 5. Cinza/Preta VII) Anti-plástico 1. Caraipé 2. Caco moído 3. Areia grossa (2 a 5mm) 4. Areia média (1 a 2mm) 5. Areia fina (> 1mm) 6. Óxido de ferro 7. Argila 8. Carvão VIII) Minerais no anti-plástico 1. Quartzo 2. Quartzo leitoso 3. Quartzo hialino 4. Feldspato 5. Mica IX) Estrutura dos grãos minerais 1. Angulosa 2. Arredondada X) Proporção de anti-plástico 1. 5% 2. 10% 3. 20% 4. 30%	XI) Técnica de Manufatura 1. Roletado 2. Modelado 3. Moldado 4. Torneado 5. Indefinido XII) Queima 1. Oxidante 2. Oxidante incompleta a 3. Oxidante incompleta b 4. Oxidante incompleta c 5. Oxidante incompleta d XIII) Espessura da peça (mm) XIV) Forma do lábio 1. Plano 2. Arredondado 3. Apontado 4. Biselado XV) Espessura do lábio (mm) XVI) Diâmetro da borda (cm) XVII) Forma da borda 1. Direta 2. Inletida XVIII) Inclinação da borda 1. Interna 2. Externa 3. Vertical XIX) Forma da base 1. Plana 2. Convexa 3. Côncava 4. Reforçada	XX) Tratamento plástico de superfície 1. Alisamento 2. Polimento 3. Acanalado 4. Inciso 5. Pontado 6. Digitado 7. Ungulado 8. Corrugado 9. Excisão 10. Escovado 11. Estampado XXI) Localização do tratamento plástico 1. Face interna 2. Face externa 3. Face interna e externa XXII) Tratamento cromático de superfície 1. Policrômico 2. Bicrômico 3. Monocrômico 4. Engobo vermelho 5. Engobo Branco 6. Enegrecimento brilhante (brunidura) 7. Enegrecimento XXIII) Localização do tratamento cromático 1. Face interna 2. Face externa 3. Face interna e externa XXIV) Marcas de uso 1. Fuligem 2. Reciclagem 3. Desgaste 4. Fermentação 5. Resíduos de carbonização XXV) Conjunto atribuído XXVI) Atribuição etno-histórica
--	--	--

Fonte: Gonzaga (2022)

Já na análise qualitativa, as recorrências observadas serviram de base para a separação dos fragmentos em conjuntos descritos qualitativamente de acordo com os atributos que lhes fornece uma unidade. A finalidade de tal operação foi propor agrupamentos hipotéticos para contrapor-los às análises quantitativas. Posteriormente, foram realizadas remontagens nos fragmentos de mesmo conjunto, pois elas auxiliam na percepção dos contornos formais dos vasilhames e na visualização da região de implantação de certas características no corpo da vasilha. Nos conjuntos com a presença de bordas e fragmentos suficientes, foram realizadas projeções dos contornos formais dos vasilhames.

RESULTADOS

Em linhas gerais, a variabilidade observada na amostra foi interpretada a partir de três grandes conjuntos associados a atributos, morfologias e, muito provavelmente, usos específicos. Ao mesmo tempo, esses conjuntos também apresentam elementos em comum, que costumam caracterizar o repertório técnico da cerâmica Jê Meridional.

Entre os atributos recorrentes à coleção temos o método de manufatura, predominantemente acordelado (81%), além do fino alisamento interno e externo (100%) como tratamento de superfície. A espessura dos fragmentos apresentou uma concentração média entre 6 e 8 mm, confirmando um padrão já observado em outras coleções (Chmyz, 1968; Miller Jr., 1978; Saldanha, 2005).

Outra característica é a presença de núcleos oxidantes incompletos (90,9%), com a predominância dos totalmente escurecidos (75%). Apesar disso, a análise permitiu identificar que há variações significativas nos graus de oxidação em peças de mesmo conjunto a partir de sua porção no pote, o que aponta para um ambiente de queima com muita quantidade de ar disponível, baixa temperatura e/ou pouca duração de queima (Shepard, 1971; Rye, 1981; Rice, 1987).

Ao longo da análise, diversos elementos se mostraram diacríticos para a separação dos fragmentos em conjuntos quando combinados e cruzados entre si. A Tabela 1 sintetiza e ilustra algumas das principais características.

Os 38 fragmentos agrupados pelo Conjunto I (CI) apresentaram coloração da pasta predominantemente cinza/preta, mas com gradientes de oxidação alaranjados. Os núcleos variam entre totalmente escurecidos ou escurecidos parcialmente em uma das faces. O antiplástico dos fragmentos do CI é formado predominantemente por areia fina (> 1 mm) em proporção variável entre 5% e 10%. A observação dos minerais presentes na pasta permitiu a identificação de maior proporção de quartzo com grãos levemente angulosos, mas também feldspato e biotita.

O traço mais marcante desse conjunto é o tratamento de superfície marcado por um enegrecimento brilhante (brunidura) e de textura extremamente lisa, o que atinge sobretudo a face interna dos fragmentos. De acordo com o registro etno-histórico junto aos povos Jê Meridionais, sabe-se que esse resultado poderia ser obtido pela exposição da peça à fumaça e do polimento com distintas fontes vegetais ou mesmo animais, como: palha de milho; líquen; folha de palmito; folha de samambaia; ou resina de cera de abelha (Ambrosetti, 1895; Miller, 1967; Miller Jr., 1978; Silva, 1999).

Em linhas gerais, os fragmentos do CI apresentam poucas marcas de uso. Foram identificados traços de fuligem na face externa em apenas 13% deles, indicando que esses vasilhames provavelmente não eram levados ao fogo com frequência e/ou temperaturas elevadas.

As bordas do CI são diretas, inclinadas externamente e com lábios planos. A reconstituição formal sugere vasilhames irrestritivos, com diâmetro de boca entre 26-30 cm e contornos formais já descritos como “hemisféricos” ou “semi-esféricos”.

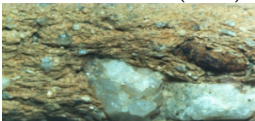
Contornos desse tipo já foram encontrados em outros sítios, compondo o repertório formal da cerâmica Jê Meridional pré-colonial (Chmyz, 1968; Miller Jr., 1978; Saldanha, 2005; Corteletti, 2012, Souza, 2017). Para os sítios da região da Barra Grande (RS e SC), Saldanha (2005) sugeriu que contornos formais semelhantes poderiam estar associados à ingestão de alimentos, possivelmente líquidos. A presença de brunidura na face interna de todos os fragmentos desse conjunto – técnica que impermeabiliza e fecha os poros das paredes – fortalecem essa interpretação, bem como a baixa frequência de marcas de uso na face externa.

Igualmente, a baixa proporção (10%) e tamanho (> 1 mm) dos grãos minerais presentes na pasta dos fragmentos do CI são indicativos. Em geral, vasilhames com exposição constante ao fogo demandam maior quantidade e tamanho de minerais, o que cria uma rede entrelaçada com as partículas de argila e aumenta a resistência ao choque térmico (Rice, 1987).

Os 60 fragmentos agrupados pelo Conjunto II (CII) apresentam coloração predominantemente laranja-amarronzada. Em relação à queima, apesar de a maioria (76%) dos núcleos estarem escurecidos, o CII apresenta fragmentos com núcleo do tipo “sanduíche” e outros com núcleo escuro externo e claro interno.

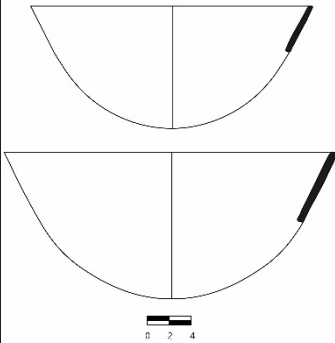
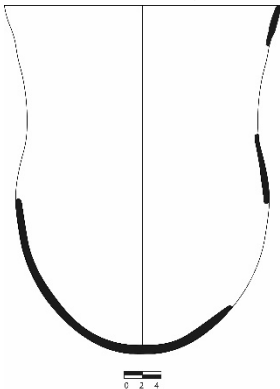
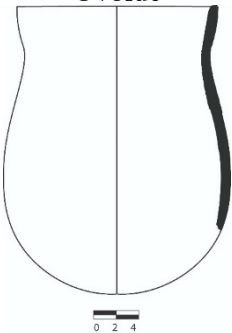
Um dos atributos mais diagnósticos das peças do CII foi o antiplástico. Os minerais variam entre areia grossa (2 a 5 mm) e areia média (1 a 2 mm), sempre em proporção de 20%. Em alguns casos, foi possível observar fragmentos grandes (5 mm) e angulosos de quartzo hialino, cuja estrutura sugere a possibilidade de lascamento para posterior inclusão na pasta. Ademais, foi identificado carvão no antiplástico em cerca de 66% dos cacos do CII, demonstrando haver uma manipulação da plasticidade dos vasilhames desse conjunto. Como sabemos de acordo com o registro etnográfico, era comum aos Laklânõ temperarem a argila com determinadas plantas que eram então adicionadas à pasta após carbonizadas e reduzidas a carvão, (Piazza, Eble, 1968; Santos, 1973; Sullivan E Moore, 1990; Fonseca, 2015).

Tabela 1. Ilustração da variabilidade tecnológica do Sítio Rio Platê I

	Conjunto I	Conjunto II	Conjunto III
Pasta	Cinza/Preta 	Laranja-amarronzado 	Laranja-amarronzado 
Anti-plástico	Areia fina (10%) 	Areia média (20%) + Carvão + Óxido de Ferro 	Areia Grossa (20%) 

continua...

Tabela 1. Continuação

	Conjunto I	Conjunto II	Conjunto III
Queima	Oxidante Incompleto (a) 	Oxidante Incompleto (d) 	Oxidante 
Marcas de Uso	Fuligem 	Desgaste Acentuado 	Carbonização 
Forma	Hemisférica 	Cilíndrica 	Ovoide 

Fonte: Compilação do autor

As bordas do CII são diretas, com uma leve inclinação externa e um suave afilamento na parte inferior. Os lábios são planos e arredondados. Foi identificado algum tipo de marca de uso em 1/3 dos fragmentos do CII, predominantemente de desgaste acentuado (70%) e concentradas na face interna, mas também há fragmentos com marca de fuligem (30%) na face externa.

Unidos, esses dados apontam para a reconstituição de uma forma irrestritiva, definida na literatura ora como “cilíndrica” ora como “cônica”. Um leve afilamento no bojo da vasilha foi inferido a partir da inflexão de alguns fragmentos. Essa característica vem sendo descrita em outras coleções como um “colar” (Miller Jr., 1978) ou uma “cintura” (Corteletti, 2012). A julgar por vasilhames etnográficos Kaingang, esse atributo poderia estar ligado à facilitação do transporte da vasilha por meio de alças feitas de fibra (Robrahn-González, 1997).

Vasilhames de estrutura semelhante foram encontrados nas coleções nos sítios da região da Barra Grande (Saldanha, 2005), no planalto de Lages (Corteletti, 2012) e em Campo Belo do Sul (Souza, 2017). Em todos os casos, eles aparecem associados à cocção de alimentos. Quanto às variações estilísticas, essa forma também se assemelha

com as vasilhas que Miller Jr. (1978) denominou vasos grandes com colar (*kokrô*) entre as Kaingang paulistas, cuja função é a mesma.

A cocção é compatível não apenas com a forma sugerida, mas também com o antiplástico e com as marcas de uso dos fragmentos do conjunto. A presença de antiplástico mineral em alta proporção e estrutura angulosa favorece a resistência ao choque térmico e aumenta a retenção de calor, características de performance visadas em panelas usadas com essa finalidade (Rice, 1987; Skibo, 1992).

Finalmente, as marcas de uso corroboram essa interpretação. Como mostra a Figura 3, há marcas de desgaste acentuado tanto no fundo do pote quanto no que se supõe ser parede intermediária (afilamento) e nas proximidades das bordas. A princípio, essas marcas foram interpretadas como resultantes de atrito, provavelmente pelo contato de algum instrumento utilizado para raspar, mexer e/ou servir o conteúdo da vasilha.

Em menor proporção, também foram encontradas marcas de fuligem. Essas aparecem na face externa, nas proximidades da base e na parte baixa da vasilha, sugerindo o uso ao fogo, de forma similar ao padrão encontrado por Skibo (1992) nas cerâmicas Kalinga usadas na cocção.

Apesar das marcas de desgaste terem sido inicialmente atribuídas a agentes abrasivos, também é possível que elas tenham sido originadas por atividade fermentadora, que costuma deixar marcas de desgaste corrosivo ao longo de toda a face interna à medida que o líquido penetra nas paredes permeáveis (Arthur, 2003; Neumann, 2008; Skibo, 2013). Tal descrição também é compatível com o padrão de desgaste observado nas peças do CII, mas a ausência de publicações e coleções de referência não permitiu a confirmação da hipótese. Nesse caso, teríamos um recipiente utilizado para preparar, armazenar ou servir bebidas alcóolicas.

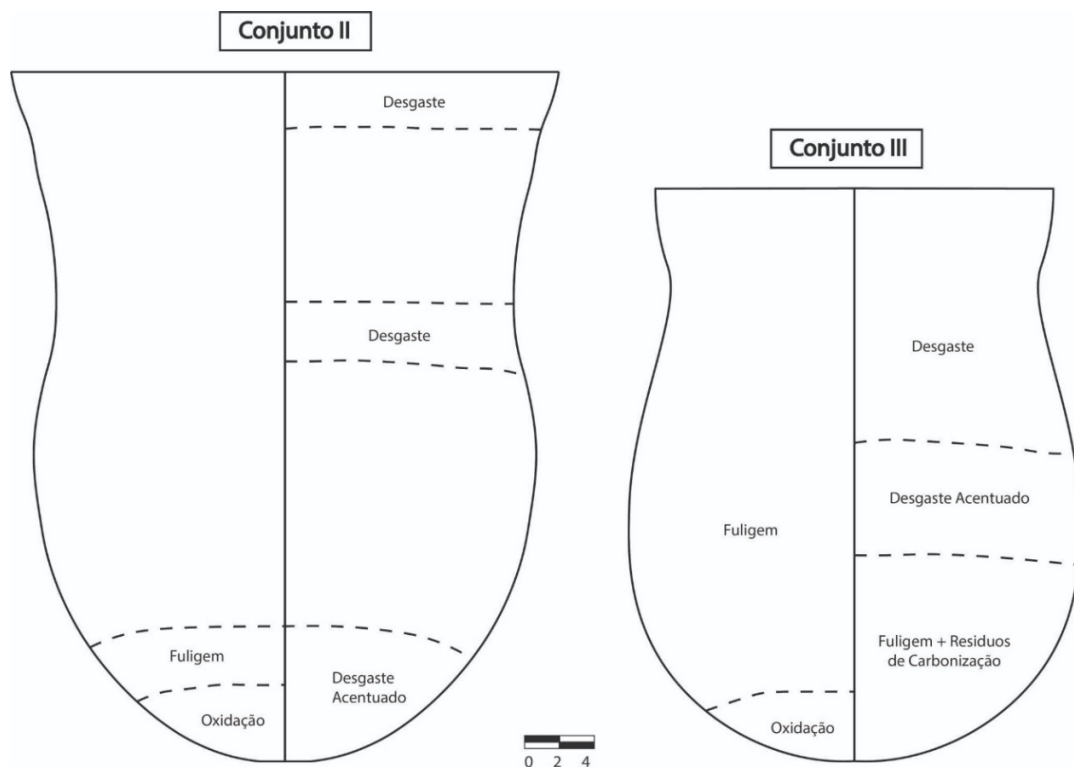
Como mostra o registro etno-histórico, tanto os Kaingang quanto os Laklânô (Xokleng) têm bebidas etílicas partilhadas em âmbito ritual que poderiam gerar marcas de fermentação. Enquanto os primeiros costumavam preparar bebidas fermentadas à base de milho e pinhão para a festa do *kiki* (Biazi, 2017), os últimos se valiam de mel e xaxim para a produção do *mõg* (Priprá, 2021).

Contudo, até hoje não foram identificados vestígios dessas bebidas no registro arqueológico Jê Meridional, possivelmente por serem elas normalmente preparadas e servidas em troncos escavados. Porém, também há relatos de seu preparo em panelas de barro (Cemitille, 1882; Ambrosetti, 1895; Borba, 1908). Análises químicas futuras em fragmentos desse conjunto poderão ajudar a elucidar essa questão.

Finalmente, o Conjunto III engloba 28 fragmentos, com coloração variando entre laranja-amarronzada e alaranjada. Apesar da predominância de núcleos oxidantes incompletos escurecidos (57%), é o conjunto com maior porcentagem de núcleos oxidantes completos (32%) identificados. O antiplástico dos fragmentos do CIII varia igualmente entre areia média (1 a 2 mm) e areia grossa (2 a 5 mm), em proporção de 20%. Como mostra a Tabela 1, é possível observar fragmentos grandes de quartzo de até 4 mm.

Entre os conjuntos analisados, o CIII é o que apresenta maior frequência de marcas de uso. Foi identificado algum tipo delas em 71% dos fragmentos, sendo elas: fuligem acrescida de resíduos de carbonização (11 fragmentos); apenas fuligem (7 fragmentos); e apenas desgaste acentuado (4 fragmentos).

Figura 3. Comparação entre as posições das marcas de uso das vasilhas do CII e CIII (face externa à esquerda; face interna à direita)



Fonte: Gonzaga (2022)

Os dados provenientes das remontagens permitiram visualizar a posição dessas marcas no corpo da vasilha. Como mostra a Figura 3, os resíduos de carbonização se situam na face interna dos fragmentos de base. Enquanto isso, a fuligem está, de forma isolada, na face externa das paredes. Finalmente, as marcas de desgaste aparecem na face interna dos fragmentos de borda e parede superiores, atingindo o seu apogeu na intermediária do pote. Elas foram entendidas como resultantes de atrito mecânico pelo uso de algum instrumento para mexer e servir o seu conteúdo, obedecendo a um padrão já observado em outros conjuntos (Skibo, 1992; Braun, 2010).

Em comparação com o CII, aqui as marcas de fuligem aparecem com mais intensidade, sendo provavelmente fragmentos de uma vasilha com uso mais intensivo ao fogo. A área de oxidação cobre a face externa de todos os fragmentos de base e é intensa, gerando uma coloração mais clara do que o resto dos fragmentos. Esse traço é compatível com a cocção a seco, uma vez que a presença de água esfriaria a superfície, prevenindo que a base da vasilha esquentasse o suficiente para gerar essa forte oxidação (Skibo, 1992).

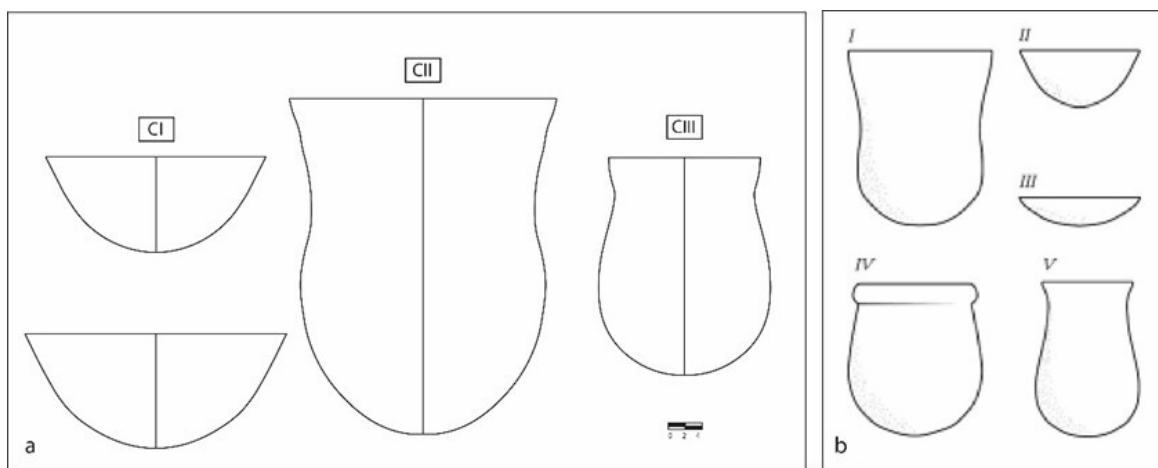
A presença de pedaços grandes de antiplástico mineral na pasta e sua alta proporção corroboram com essa hipótese. Potes de cocção costumam estar associados a um tempero mineral de alta proporção e tamanho, que pode prevenir rachaduras tanto ao longo da secagem como ao longo de seu uso, aumentando sua resistência ao choque térmico e sua eficácia de aquecimento (Rice, 1987; Skibo, 2013).

DISCUSSÃO: SITUANDO O SÍTIO RIO PLATÊ I EM ESCALA REGIONAL

Ao situar as cadeias operatórias da cerâmica do Sítio Rio Platê I em escala regional, foi possível esboçar comparações especialmente junto a coleções provenientes do

planalto gaúcho e do sul-catarinense. Diversos pesquisadores já haviam registrado correspondências entre sítios encontrados nessa região, com alta densidade de estruturas subterrâneas associadas a montículos funerários e aterros geométricos (Schmitz *Et Al.*, 2002; Saldanha, 2005; Corteletti, 2012; Souza, 2017). Estudos recentes vêm interpretando esses conjuntos como resultado da emergência de uma maior complexidade e hierarquia social manifestada nas transformações paisagísticas, vestígios arqueológicos e arqueobotânicos (Iriarte *et al.*, 2014; Souza, 2017; Corteletti; Iriarte, 2018).

Figura 4. Comparação morfológica entre vasilhames do Alto Vale do Itajaí e do Planalto.



Fonte: (a) Sítio Rio Platê I (Gonzaga, 2022); (b) Sítio Baggio (Souza, 2017).

Nessa região, pode-se reconhecer estilos cerâmicos que se aproximam muito do que foi esboçado na análise do Sítio Rio Platê I. Em que pese as eventuais diferenças, há não apenas o compartilhamento de técnicas de produção similares, mas a mobilização de um repertório formal que se confunde com o estudado na atual pesquisa, composto por uma combinação de formas cilíndricas, ovóides e hemisféricas.

Se tais semelhanças formais já se fazem notar na região da Barra Grande (Saldanha, 2005), elas crescem no Sítio Bonin, em Urubici (SC) (Corteletti, 2012), até se tornarem quase idênticas no repertório do sítio Baggio, em Campo Belo do Sul (SC) (Souza, 2017). É interessante perceber que as três regiões referidas compartilham também de datações que indicam um adensamento ocupacional entre 1200 e 1600 AD, período em que é possível observar a presença de estruturas subterrâneas no Alto Vale do Itajaí.

De alguma forma, essas observações corroboram o modelo sugerido por Souza (2011), segundo o qual haveria três grandes estilos morfológicos mais ou menos contemporâneos no contexto da ocupação Jê Meridional: (1) um presente no nordeste e parte da costa do Rio Grande do Sul, com vasos cilíndricos irrestritivos de contorno simples e direto, bordas expandidas e decoração plástica mais saliente; (2) outro que cobre parte do nordeste do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina – nas chamadas terras altas – que é marcado por vasilhames cilíndricos irrestritivos de contorno levemente infletido, podendo ocorrer decoração plástica incisa; e (3) um grande estilo que cobre o Paraná, parte de Santa Catarina, São Paulo e Misiones, em que predominam vasilhames ovóides restritivos com pouca ou nenhuma decoração plástica, de contorno infletido e bordas expandidas.

Souza (2011) não deixa de entrever, que há fronteiras imprecisas nesse modelo em virtude da escassez de material publicado sobre algumas áreas. Esse parece ser o caso do Alto Vale do Itajaí que, de acordo com o modelo do autor, estaria englobado pelo estilo

(3). O material do Sítio Rio Platê I, contudo, demonstra que seu repertório técnico e estilístico se aproxima mais do estilo que tem como “epicentro” a cerâmica evidenciada em estruturas subterrâneas do planalto catarinense.

Entre as particularidades desse estilo cerâmico comum, destaca-se a existência de grandes vasilhames cilíndricos com a presença de uma leve inflexão na parte intermediária. Como sugerem todas as análises supracitadas, esse tipo de vasilha contém marcas de uso sugestivas de que sua principal função tenha sido a cocção de alimentos. Essa hipótese foi corroborada na atual pesquisa.

No entanto, um ponto de divergência se refere à inexistência de decoração plástica nos fragmentos do material do Rio Platê I, que ocorre invariavelmente em todas as demais coleções, mesmo que em baixa proporção. Isso quer dizer que teríamos uma grande permanência entre as duas regiões no que diz respeito às técnicas de manufatura por um lado e, ao mesmo tempo, um aspecto de descontinuidade no que tange ao tratamento plástico de superfície.

Se considerarmos as proposições de Gosselain (1998) e Stark *et al.* (2000) sobre a relação entre estilo artefactual e identidade, essa constatação é significativa para a discussão a respeito de possíveis fronteiras sociais no território Jê Meridional. Ambos os autores concordam que os aspectos decorativos da cerâmica costumam flutuar mais ao longo do tempo em comparação com outras etapas da cadeia operatória, refletindo facetas mais situacionais da identidade. No sentido oposto, as técnicas de manufatura e a forma dos vasilhames cerâmicos envolveriam um maior conservadorismo técnico por repousarem em um gestual altamente especializado e internalizado desde a infância.

Ainda não está totalmente claro em que medida essas variações estilísticas podem ser extrapoladas para pensar a formação de fronteiras sociais e/ou identidades étnicas no interior do território Jê Meridional. Entretanto, a percepção dessa proximidade é um dado significativo por si só, especialmente na medida em que há processos históricos e sociais compartilhados por ambas as regiões em um horizonte cronológico similar. É o que já sinalizava a pesquisa de Reis (2015), que buscou situar e inserir os dados de sítios Jê Meridionais do Alto Vale do Itajaí no contexto regional catarinense.

Como sintetiza o autor, tanto as datas existentes para o planalto quanto para a sua borda leste indicam a persistência de uma ocupação Jê Meridional pelo menos entre 1.400 AP e 200 AP, sendo que há uma incidência de sítios com características e vestígios semelhantes em ambas as regiões (Reis, 2015). Essas características se referem sobretudo à presença de estruturas subterrâneas e de cerâmica Jê. Contudo, no planalto é possível verificar áreas com maior densidade de estruturas subterrâneas, além de sítios de “arquitetura monumental”. Reis (2015) interpreta essa distribuição em termos de distintos processos de formação territorial. Haveria, entre 1.400 e 900 AP, um momento inicial de estabelecimento dos Jê Meridionais nas terras altas próximas aos núcleos pioneiros de araucária, nos quais teriam construído estruturas subterrâneas pequenas e pouco profundas. Em seguida, um processo de colonização mais permanente desse território se conformou, atestado pelo aumento de estruturas por sítios e pelo aparecimento da cerâmica.

O advento da construção de monumentos funerários em associação com estruturas subterrâneas por volta de 1.000 AP é interpretado por Reis (2015) como resultado da consolidação e manutenção desse assentamento pioneiro. É nesse momento que a dispersão das matas de araucárias chega ao seu ápice. Ao mesmo tempo, passa a ocorrer um processo de expansão territorial que é visto como indicativo da ocorrência de fissões no núcleo pioneiro. Essa fragmentação, que encontra precedentes no “faccionalismo” dos povos Jê, seria responsável pela dispersão desses povos em direção a áreas mais distantes

como o Alto Vale do Itajaí e o Oeste Catarinense, dando origem à ocupação sincrônica de um maior número de sítios e à formação de novos territórios.

Nesse sentido, a variabilidade observada em cada região diz respeito à trajetória histórica que esses grupos estabeleceram em distintas paisagens, sendo infrutífero pressupor uma homogeneidade no registro arqueológico Jê Meridional. A análise do material cerâmico do Sítio Rio Platê I reforça a possibilidade de contato e/ou proximidade identitária entre os grupos Jê habitantes do planalto de Santa Catarina e do Alto Vale do Itajaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise tecnológica da coleção cerâmica do Sítio Rio Platê I se mostrou profícua, permitindo o mapeamento de diversas escolhas culturais significativas. Tais escolhas distintas ao longo da cadeia operatória deram origem à variabilidade que interpretamos a partir de três grandes conjuntos associados a atributos, morfologias e, ao que tudo indica, usos específicos. Ao mesmo tempo, esses conjuntos também apresentam elementos em comum que caracterizam o repertório técnico da cerâmica Jê Meridional em geral. Por fim, a comparação com outros contextos permitiu entrever uma afinidade estilística particular junto a coleções provenientes do planalto de Santa Catarina. Tais resultados reforçam o potencial informativo das análises tecnológicas, sobretudo quando há interlocução entre dados arqueológicos, etnográficos e etno-históricos, indicando caminhos potentes para a história indígena profunda dos povos Jê Meridionais.

REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, Juan B. Los indios Kaingángues de San Pedro (Misiones). *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, tomo II, ent. 10, p. 305-387, 1895.
- ARAÚJO, Astolfo. A Tradição Itararé-Taquara: Características, Área de Ocorrência e Algumas Hipóteses sobre a Expansão dos Grupos Jê no Sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 20, n. 1, p. 9-38, 2007.
- ARTHUR, John. Brewing Beer: Status, Wealth and Ceramic Use Alteration among the Gamo of South-Western Ethiopia. *World Archaeology*, v. 34, n. 3, p. 516-528, 2003.
- BEBER, Marcus Vinicius. *O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.
- BIAZI, Adriana. *Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- BORBA, Telêmaco. *Actualidade indígena no Paraná*. Curitiba: Typ. da Imprensa Paranaense, 1908.
- BRAUN, Gregory. Technological Choices: Ceramic Manufacture and Use at the Antrex Site (AjGv-38). *Ontario Archaeology*, n. 89/90, p. 69-96, 2010.
- BRIGHENTI, Clóvis. As terras indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini.; BRINGMANN, Sandor Fernando. *Etnohistória, História Indígena e Educação: Contribuições ao debate*. Porto Alegre: Palotti, 2012. p. 255-278.
- CEMITILLE, Luiz de. Memória sobre os índios caingangs e camés (coroados), 1882. In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava)*. Monografia

- acompanhada de um vocabulário do dialeto de que usam. Rio de Janeiro: Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1888.
- CHMYZ, Igor. Considerações sobre Duas Novas Tradições Ceramistas Arqueológicas no Estado do Paraná. *Pesquisas – Antropologia*, v. 18, p. 115-125, 1968.
- CRUZ, Aline et al. Correction: Pre-colonial Amerindian legacies in forest composition of southern Brazil. *PLOS ONE*, v. 17, n. 5, e0269056, 2022.
- CORTELETTI, Rafael. *Projeto Arqueológico Alto Canoas – PARACA: um estudo da presença Jê no Planalto Catarinense*. Tese (Doutorado em Arqueologia) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CORTELETTI, Rafael. Uma estratigrafia da paisagem proto-Jê Meridional: um estudo de caso em Urubici, SC. *Tempos Acadêmicos: Dossiê Arqueologia Pré-Histórica*, n. 11, p. 97-116, 2013..
- CORTELETTI, Rafael; IRIARTE, Jose. Recent advances in the archaeology of the southern proto-jê people. In: SMITH, Claire (Ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer, 2018. p. 1-11.
- DOBRES, Marcia-Anne. Technology's Links and Chaines: The Processual Unfolding of Technique and Technician. In: DOBRES, Marcia-Anne; HOFFMAN, Christopher (Ed.). *The Social Dynamics of Technology: Practice, Politics, and World Views*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1999. p. 124-146.
- FONSECA, Raphael Jidean. *O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na terra indígena Xokleng/Laklãnõ*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- GAKRAN, Namblá. 2005. *Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005..
- GASPAR, Meliam Viganó. *A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GONZAGA, Francisco Abrahão. *Revisitando a cerâmica Jê Meridional em Santa Catarina: O Sítio Rio Platê I (SC-VI-19)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.
- GOSSELAIN, Oliver. In Pots We Trust. The Processing of Clay and Symbols in Sub-Saharan Africa. *Journal of Material Culture*, v. 4, n. 2, p. 205-30, 1999.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.
- IRIARTE, Jose; BEHLING, Hermann. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/ItararéTradition. *Environmental Archaeology*, v. 12, p. 115–127, 2007.
- IRIARTE, Jose et al. Paisagens Jê meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 11, n. 22, p. 239-253, 2014.
- JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. *Reconstrução fonológica e lexical do proto-Jê meridional*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

- LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para os Arqueólogos*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.
- LEMONNIER, Pierre. The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 5, n. 2, p. 147-186, 1986.
- LEMONNIER, Pierre. *Elements for an anthropology of technology*. Michigan: University of Michigan Press, 1992.
- LEROI-GOURHAN, Andre. *El gesto y la palabra*. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1971.
- MACHADO, Juliana Salles. *Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MACHADO, Juliana Salles. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 15-16, p. 87-111, 2006.
- MACHADO, Juliana Salles. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. *Arqueologia Suramericana*, v. 3, p. 62-83, 2007.
- MACHADO, Juliana Salles. História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 72-85, 2013.
- MACHADO, Juliana Salles. □ *TÕ DÉN TXI KABEL: Aqueles que contam histórias. Memória e território Laklânô (Xokleng)*. Relatório Final de pesquisa (Pós-doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MACHADO, Juliana Salles. Caminhos e Paradas: Perspectivas sobre o território Laklânô Xokleng. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 27, p. 179-196, 2016.
- MACHADO, J.S.M; TSCHUCAMBANG, Copacâm.; FONSECA, Jidean Raphael. Stones, clay and people among the Laklânô Xokleng indigenous people in Southern Brazil. *Archaeologies*, v. 16, n. 3, p. 460-491, 2020.
- MILLER, Eurico. *Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul*. Bélem: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967.
- MILLER JR, Tom. Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulistas. *Arquivos do Museu Paranaense*, n. 2, p. 1-51, 1978.
- NEUMANN, Mariana. A. *Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- NOELLI, Francisco. Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 3, p. 285-302, 1999.
- NOELLI, Francisco; SOUZA, Jonas Gregório. Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 57-84, 2017.
- PARELLADA, Claudia Inês. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé Taquara no Paraná: dados etno-históricos e o acervo do Museu paranaense. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 1, p. 97-111, 2008.

- PATE, Osiel Kuita. *O contato descrito pelos Laklãnô Xokleng, os descendentes de Kaingang e as trocas de costumes e saberes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- PERIN, Edénir Bagio; HERBERTS, Ana Lucia.; OLIVEIRA, Marcelo Accioly. A cronologia Jê meridional e os novos dados para o alto curso do Arroio Cará, Coxilha Rica, Lages, Santa Catarina. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências humanas*, v. 14, n. 2, p. 581-609, 2019.
- PIAZZA, Walter. *Memória arqueológica sobre o Vale do Itajaí (Santa Catarina–Brasil)*. Florianópolis: MARQUE/UFSC. Mimeografado, 1966.
- PIAZZA, Walter. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. In: *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967. p. 39-46.
- PIAZZA, Walter; EBLE, Alroino. Arqueologia do Vale do Itajaí. Sítio Cerâmico Rio Plate (SC-VI-19). *Blumenau em Cadernos*, TOMO IX, n. 1, 1968.
- PRIPRÁ, Alfredo Namblá. *A cultura material do povo Xokleng/Laklãnô: as armas tradicionais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020a.
- PRIPRÁ, Acir Caile. *Koplág: O ritual de previsão Xokleng/Laklãnô*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020b.
- PRIPRÁ, Walderes Coctá. *Lugares de acampamento e memória do povo Laklãnô/Xokleng, Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora da UNB, 1992.
- REIS, Maria José. Patrimônio Cultural e compromisso social da arqueologia em questão: direitos territoriais dos índios Kaingang. In: CASTELLS, Alícia Norma González; SANTOS, Jeana Laura da Cunha (Org.). *Patrimônio Cultural e seus campos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 37-65.
- REIS, Lucas Bond. *Para uma história Jê Meridional na longa duração: o contexto em Alfredo Wagner (SC) e sua inserção regional*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2017.
- RICE, Prudence. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. O acervo etnológico do MAE/USP: estudo do vasilhame cerâmico Kaingáng. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 7, p. 133-141, 1997.
- RODRIGUES, Ayrton. Macro-Jê. In: DIXON, Robert; ALEXANDRA, Aikhenvald (Org.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206
- ROUX, Valentine. Ceramic manufacture: the chaîne opératoire approach. In: HUNT, Alice (Ed.). *Oxford Handbook of Archaeological Ceramic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p.101-113.

- RYE, Owen S. *Pottery technology: Principles and reconstruction*. Washington, DC: Smithsonian Institution Scholarly Press, 1981.
- SALDANHA, João. *Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial das Terras Altas do Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SANTOS, Sílvio Coelho. *Índios e brancos no sul do país: a dramática experiência Xokleng*. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul*, n. 2, p. 74- 130, 1988.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. O projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas – Antropologia*, n. 58, p. 11-105, 2002.
- SHEPARD, Anna. *Ceramics for the archaeologist*. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1971.
- SILVA, Fabíola. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. *Revista do CEPA*, v. 23, n. 30, p. 57-73, 1999.
- SILVA, Fabíola. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SILVA, Fabíola; NOELLI, Francisco. Para uma síntese dos Jê do Sul: igualdades, diferenças e dúvidas para a etnografia, etno-história e arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 22, n. 1, p. 5-13, 1996.
- SILVA, Sergio Baptista da. *Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SKIBO, James M. *Pottery function: A use-alteration perspective*. New York: Plenum, 1992.
- SKIBO, James M. *Understanding pottery function*. New York: Springer, 2013.
- SKIBO, James; SCHIFFER, Michael Brian. *People and things: A behavioral approach to material culture*. New York: Springer, 2008.
- SOUZA, Jonas Gregório. *A cerâmica de tradição Itararé-Taquara (RS/SC/PR) e a difusão das línguas Jê Meridionais: uma reanálise dos dados*. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SOUZA, Jonas Gregório. Linguistics, archaeology, and the histories of language spread: the case of the Southern Jê languages, Brazil. *Cadernos de Etnolingüística*, v. 3, n. 2, p.1-16, 2011.
- SOUZA, Jonas Gregório. *Pathways to power in the southern Brazilian highlands: Households, communities and status at Southern Proto-Jê pit house settlements*. Dissertação (Doutorado de Filosofia em Arqueologia) – University of Exeter, Exeter, 2017.
- STARK, Miriam; BISHOP, Ronald; MIKSA, Elizabeth. Ceramic Technology and Social Boundaries: Cultural Practices in Kalinga Clay Selection and Use. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 7, n. 4, p. 295-331, 2000.
- SULLIVAN, Elaine; MOORE, Susan. *The Schokleng of Brazil: Artistic Expression in a Changing Forest*. Saint Augustin, 1990.

- TSCHUCAMBANG, Copacãm. *Artefatos arqueológicos no território Laklãnõ/Xokleng-SC*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-102.